

Demonstrativos no espanhol de Lima e de Buenos Aires: análise de fatores extralinguísticos

Clarice Soares França

César Nardelli Cambraia

Contatos:

claricesfrancas@gmail.com

nardelli@ufmg.br

Clarice Soares França possui graduação em Fonoaudiologia pelo Centro Universitário Izabela Hendrix (2001), graduação em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (2006) e mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2013). É professora de Língua Espanhola no Colégio Logosófico de Belo Horizonte.

César Nardelli Cambraia é bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq - Nível 2, possui graduação em Letras (Português-Alemão) pela Universidade Federal de Minas Gerais (1992), mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (1996), doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2000) e pós-doutorado em Linguística Românica pela Universitat de Barcelona (2010). Atualmente é professor associado da Universidade Federal de Minas Gerais e tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Românica e Crítica Textual, atuando principalmente nos seguintes temas: estudo histórico e comparado de morfossintaxe de línguas românicas em uma perspectiva tipológico-funcional, lexicologia e edição de textos românicos antigos.

PALABRAS CLAVE: Língua espanhola; América Latina; Sociolinguística; Demonstrativos em espanhol.

RESUMEN: Neste estudo analisamos os demonstrativos do espanhol de Lima e de Buenos Aires no *corpus* do projeto NURC, considerando dados de informantes masculinos em diálogos dirigidos distribuídos em três gerações. Os resultados revelam padrões distintos entre essas duas variedades no que se refere aos tipos de uso (fórico, truncado e fático), sendo especialmente relevantes a maior frequência de fáticos em Buenos Aires (35%) frente a Lima (8,9%), a maior prevalência de *ese* como fórico em Buenos Aires (81,3%) frente a Lima (60,2%) e a distribuição em tempo aparente como padrão de mudança em progresso de uso fático em Lima. Esses dados revelam que o uso de demonstrativos permite a diferenciação de variedades do espanhol.

KEYWORDS: Spanish; Latin America; Sociolinguistics; Demonstrative pronouns in Spanish

ABSTRACT: In this study, we analyzed the demonstrative pronouns in the Spanish spoken in Lima and Buenos Aires based on the corpus of the NURC project, considering data from male informants in directed dialogues over three generations. Results reveal distinct patterns between these two varieties in relation to the three types of use (phoric, truncated and phatic). Some aspects are especially relevant: the higher frequency of phatics in Buenos Aires (35%) compared to Lima (8.9%), the highest prevalence of *ese* as phoric in Buenos Aires (81.3%) compared to Lima (60.2%) and the distribution in apparent time of phatic as a pattern of change in progress in Lima. These data reveal that the use of demonstrative pronouns can be a pattern to differentiate the varieties of Spanish.

INTRODUÇÃO

Os demonstrativos são uma categoria linguística que há décadas vem desafiando pesquisadores: basta lembrar os hoje clássicos estudos de Brugmann (1904) e Bühler (1934), bem como os estudos tipológicos de Himmelmann (1996), Diessel (1999) e Dixon (2003). No entanto, os estudos produzidos até o presente contemplam geralmente dois aspectos, ambos intralingüísticos: seus padrões morfossintáticos e/ou suas funções semântico-pragmáticas. Raros são os estudos que se ocupam de questões extralingüísticas, ou seja, de fatores sociais. Exceções, para o espanhol, parecem ser o estudo de Soler Arechalde (2006), que analisa *este* como elemento fático considerando a oposição entre variedades (culta e popular), sexo (masculino e feminino) e tipo de entrevista (conferência, diálogo dirigido, diálogo livre e gravação secreta) no espanhol do México (doravante, EM), e o de González Álvarez (2006), que leva em conta apenas a oposição entre variedades (culta e popular) mas considerando os diferentes usos dos demonstrativos presentes no seu *corpus* (ambos os autores utilizaram os dados do projeto NURC do México), exceto o fático.

No presente estudo, realizado a partir de Silva (2013), pretende-se apresentar uma contribuição para preencher a lacuna de estudos sociolingüísticos tendo como objeto de análise os demonstrativos, com a especificidade de se analisar o espanhol de Lima e de Buenos Aires, ambos através do *corpus* do projeto NURC.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Sociolinguística

A formação das variedades do espanhol na América Latina foi um processo longo e complexo. É de especial interesse para os linguistas conhecer fenômenos linguísticos que apresentam diferenças nessas variedades. Assim como já se mostrou que os demonstrativos apresentam padrões diferentes segundo as variedades do português brasileiro (Cabraia, 2009; Galembeck, 2012), estima-se que o mesmo se passe com as diferentes variedades do espanhol. Para realizar um estudo que trate adequadamente dessa questão, é necessário recorrer a um modelo teórico que dê conta da variação e da mudança linguística.

A variação e a mudança linguística são fenômenos presentes em todas as línguas naturais. A variação se caracteriza pela existência de formas linguísticas alternativas, chamadas de variantes. As variantes podem permanecer estáveis no sistema durante um breve período ou até durante séculos. Quando uma das variantes desaparece, concretiza-se a mudança linguística (Labov, 1972, 1995).

Weinreich, Labov e Herzog (1968, 183-187) estabeleceram cinco questões a serem consideradas para a explicação de processos de variação e mudança linguística. Labov (1982, 26-29) retomou essas mesmas questões mais tarde na seguinte formulação:

- Problema dos *fatores condicionantes*: quais são os fatores condicionantes gerais da mudança, se os há, que determinam mudanças possíveis e impos-

síveis e direções da mudança?

- Problema da *transição*: como (por que rota) uma língua muda?

- Problema do *encaixamento*: como uma dada língua muda encaixada no sistema circundante de relações linguísticas e sociais?

- Problema da *avaliação*: como membros de uma comunidade de fala avaliam uma dada mudança, e qual é o efeito dessa avaliação sobre a mudança?

- Problema da *implementação*: por que uma dada mudança linguística ocorre em uma determinada época e lugar?

Para o estudo da variação e mudança linguística, Labov (1972, 208-209) estabeleceu um conjunto de cinco axiomas metodológicos:

a) *Mudança de estilo*: todo falante apresenta mudança em variáveis linguísticas quando o contexto social e o tópico mudam;

b) *Atenção*: os estilos podem ser dispostos ao longo de uma dimensão única medida pela quantidade de atenção em relação à fala (fala espontânea e fala entusiasmada são estilos que apresentam em comum a mínima atenção em relação à própria fala);

c) *Vernáculo*: estilo em que se dá a mínima atenção ao monitoramento da fala e no qual a fala seria mais sistemática, sendo possível ver mais claramente as relações fundamentais que determinam o curso da evolução linguística (em outros estilos, costuma haver a hipercorreção, com padrões gramaticais e fonológicos irregulares);

d) *Formalidade*: qualquer observação sistemática do falante define um contexto formal em que mais do que atenção mínima é dada à fala;

e) *Bons dados*: o único meio de obter bons dados suficientes sobre a fala

da alguém é através de uma entrevista individual gravada¹.

A análise das variantes linguísticas pode levar à conclusão de que existe uma estabilidade entre elas, o que caracteriza variação, ou à constatação de que estão em competição (quando uma das variantes tem o seu uso aumentado em relação à outra), o que caracteriza uma mudança em curso. Para diferenciar se o fenômeno estudado é um caso de variação ou de mudança em curso, há duas estratégias segundo a perspectiva laboviana: a realização de um estudo em *tempo aparente* ou em *tempo real*. O tempo real é observado através da pesquisa de duas ou mais épocas e o tempo aparente é quando o linguista realiza sua investigação com base em amostras de informantes de diferentes faixas etárias em um mesmo corte temporal. A utilização do tempo aparente é válida, mas ainda há algumas dúvidas quanto a seu grau de confiabilidade. Afirmam Paiva e Duarte:

O estudo da mudança no tempo aparente, ainda que teoricamente sustentável, se depara com dificuldades nem sempre contornáveis com os recursos heurísticos disponíveis. A primeira se refere à própria validade da hipótese clássica acerca da aquisição da linguagem. A segunda dificuldade está no fato de que correlações sistemáticas com a variável idade não

¹ Convém salientar que, embora a gravação seja considerada o principal método para obtenção de dados, naturalmente dados de língua escrita também são relevantes, sobretudo quando se tem em mente o estudo da língua no tempo real (Labov, 1982).

são, muitas vezes, índices conclusivos de uma mudança em progresso na língua. A predominância de uma determinada variante linguística na fala de pessoas mais jovens coloca o pesquisador frente a duas possibilidades: a) trata-se da instalação gradual de uma nova variante na língua (mudança linguística propriamente); b) trata-se de uma diferenciação linguística etária que se repete a cada geração. (2004, 179)

A variação e a mudança linguística não ocorrem de maneira aleatória, sendo controladas por fatores de natureza social - extralingüística - e estrutural - intralingüística. Afirma Mollica:

No conjunto de variáveis internas, encontram-se os fatores de natureza fono-morfo-sintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais. Eles dizem respeito a características da língua em várias dimensões, levando-se em conta o nível do significante e do significado, bem como os diversos subsistemas de uma língua. No conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda, profissão e classe social) e os contextuais (como grau de formalidade/tensão discursiva). (2004, 11)

Essas variáveis, sejam internas ou externas, não atuam de maneira isolada, mas formam um complexo de múltiplas interferências que se sobrepõem. Ao estudar os fenômenos de variação e mudança, quer-se justamente descobrir de que maneira esses fatores interagem, resultando no estado em que a língua se encontra.

DEMONSTRATIVOS

Três estudos recentes se ocuparam dos demonstrativos em uma perspectiva translinguística: Himmelmann (1996), Diessel (1999) e Dixon (2003).

Himmelmann (1996, 210), após chamar a atenção para a grande dificuldade de diferenciar demonstrativos de pronomes pessoais e artigos (duas classes de que historicamente costumam derivar), considera que há algumas características que definem os “verdadeiros” demonstrativos. A diferença entre demonstrativos e artigos definidos consiste em que os primeiros: (a) devem estar em uma relação paradigmática com elementos que – quando usados exoforicamente – situam a entidade referida em uma escala de distância, tal como proximal, distal, etc.; e (b) não podem desempenhar as duas seguintes funções, que são características de artigos definidos: (i) uso em situação mais ampla (demonstrativos não são utilizáveis para primeira menção de entidades que são consideradas únicas em uma dada comunidade de fala) e (ii) uso anafórico associativo em que um SN com indefinido (p. ex., uma árvore) é retomado por SN com definido (p.ex., o ramo) – Himmelmann considera que seria estranha a presença de um demonstrativo

nesse SN de retomada. Já a diferença entre demonstrativos e pronomes de 3ª pessoa está em que estes: (a) podem ser usados em contextos anafóricos associativos com antecedente que é um SN definido; (b) permitem a leitura em que um pronome atua como detentor de seu antecedente, mas não se refere à mesma entidade a que se refere seu antecedente e por isso não lhe é correferencial; (c) são permitidos em uso expletivo em algumas poucas línguas; (d) têm seu uso dêitico discursivo (referência a um evento ou proposição) aparentemente mais fortemente restringido (e menos frequente). Como exemplo da aplicação de seus critérios, Himmelmann (1996, 213-214) defende que a forma *ís* latina não é um pronome de 3ª pessoa mas sim um demonstrativo.

Diessel (1999) define os demonstrativos com base em três critérios: (a) são expressões dêíticas que servem para funções sintáticas específicas (servindo como pronomes independentes, modificadores de nomes ou advérbios locativos); (b) geralmente servem para funções pragmáticas específicas (usados primeiramente para focalizar a atenção do ouvinte em um objeto ou em locações na situação de fala, mas também para organizar o fluxo de informação no discurso em andamento); e (c) são caracterizados por traços semânticos específicos, contrastando, pelo menos binariamente, o proximal [referência a entidade próxima do centro dêítico] e o distal [indicação de que o referente está a certa distância do centro dêítico], embora possa haver línguas em que o demonstrativo seja neutro quanto à distância.

Dixon (2003, 61-62) define demonstrativo como uma palavra gramatical (ocasionalmente clítico ou afixo) que pode ter referência de indicação (ou dêítica), excluindo os pronomes pessoais de 1ª e 2ª pessoas, e que sempre forma um sistema

(classe) gramatical fechado.

Como se vê, mesmo em estudos mais recentes não há uma forma consensual de definir a categoria dos demonstrativos, dificuldade a que alude Dixon (2003):

Uma dificuldade é a ausência de um conjunto de rótulos aceitos para uma variedade de classes e categorias encontradas pelas línguas do mundo. Há uma tendência de usar um rótulo comum para nomear algo para que não é completamente apropriado – simplesmente porque não há um rótulo plenamente apropriado – e isso pode então gerar confusão. (Dixon, 2003, 64; tradução nossa)

No presente estudo, os demonstrativos são definidos operacionalmente como formas nominais que podem desempenhar função exofórica (referência à situação de fala) e função endofórica (referência ao contexto linguístico). No espanhol, enquadra-se nessa categoria o sistema fechado composto por *este/ese/aquel*.

É com base nesses pressupostos que foi realizada a presente pesquisa, cujos resultados são expostos neste artigo e cujas especificidades metodológicas são apresentadas a seguir.

METODOLOGIA

Neste estudo, analisamos os demonstrativos no espanhol de Lima e de

Buenos Aires coletados nos materiais do projeto NURC (Norma Urbana Culta)². Esse é um projeto ibero-americano que estabeleceu regras precisas para a coleta de dados, independente da localidade, o que permite a realização de estudos comparativos. Cabe recordar, à guisa de explicação, que o projeto NURC trabalha com informantes da parcela culta da população e com registro da língua oral.

Os materiais do NURC levam em conta três aspectos³: (a) *sexo dos informantes* (masculino e feminino), (b) *faixa etária dos informantes* (1ª geração = 25 a 35 anos; 2ª geração = 36 a 55 anos; 3ª geração = 56 a 70 anos); e (c) *tipo de entrevista* (diálogos dirigidos, elocuições formais, diálogos livres e gravações secretas).

A fim de avaliar se os sistemas de demonstrativos de LI e BA apresentam padrões de mudança no tempo aparente, optamos por priorizar a questão da faixa etária (adotada como variável independente), fixando os demais aspectos (dados de informantes apenas do sexo masculino e apenas de diálogos dirigidos [diálogos entre documentador e informante]).

² Para referência aos dados usa-se a sigla BA para os dados extraídos do NURC de Buenos Aires (Barenchea, 1987) e a sigla LI para os dados extraídos do NURC de Lima (Caravedo, 1989).

³ Não há informação sobre a data exata de realização de cada entrevista no material de LI nem no de BA. No entanto, pode-se supor que as entrevistas foram realizadas em Buenos Aires entre 1967 e 1975, período mencionado na apresentação da publicação como aquele em que ocorreu a maior parte do desenvolvimento do projeto. Na entrevista II, o entrevistado afirma ter ido ver no cinema o filme *O bebê de Rosemary*, cuja estreia ocorreu em 1968, o que sugere que a entrevista também teria ocorrido nesse ano. No material de LI, encontra-se a informação de que as entrevistas foram realizadas entre 1977 e 1980.

QUADRO1
Caracterização das entrevistas⁴ - LI
Primeira Geração

Encuesta	Idade	Profissão	Tema ⁵	Ex- tensão (linhas) ⁶
1	28	Antropólogo e professor universitário	Lugares onde morou e suas recordações desses, antropologia.	278
2	24	Estudante de direito	Sua vida, seus estudos, direito, suas viagens, situação do país.	505
3	23	Estudante de educação com ênfase em ciências histórico-sociais	Suas viagens e sua família.	235
4	29	Estudante de administração de empresas	Sua família, recordações de sua infância, suas atividades e recordações de estudante, sua viagens nos Estados Unidos e Peru.	234
5	26	Engenheiro industrial	Suas recordações da faculdade, seu trabalho atual, situação do país, esportes, sua família.	353
6	34	Engenheiro civil	Recordações dos lugares onde morou, suas viagens, seus estudos, hobbies e trabalhos, sua família.	338

⁴ A identificação da transcrição dos dados do NURC de LI e BA é feita com termo diferente em cada caso: *encuesta* para LI e *muestra* para BA. Manteremos esses dois termos, porque se referem a diferentes questões: *encuesta* refere-se à entrevista feita com o informante, enquanto *muestra* refere-se à entrevista selecionada para constar na publicação do NURC. Quando necessário, faremos referência a elas genericamente como *entrevistas*.

⁵ A identificação do tema dessas entrevistas é de nossa autoria, a partir da leitura dos diálogos.

⁶ Não há informação sobre a duração destas entrevistas.

Segunda Geração

Encuesta	Idade	Profissão	Tema	Extensão (linhas)
11	36/37	Historiador, professor universitário e pesquisador	Seus trabalhos, sua família, suas viagens.	247
12	43	Advogado	Sua vida, seu trabalho atual e os anteriores, suas viagens, seus estudos, leituras, línguas que domina, sua família.	425
13	46	Advogado, funcionário público e professor	Sua família, seu trabalho, suas viagens, o período em que morou na Alemanha, situação política da época no Peru, sua infância.	376
14	45	Historiador e professor universitário	Sua vida, sua infância, suas viagens, sua profissão e trabalho.	391

Terceira Geração

Encuesta	Idade	Profissão	Tema	Extensão (linhas)
18	70	Escritor, professor universitário de literatura e jornalista	Reflexões sobre as línguas, em especial a espanhola, sua vida, suas viagens, recordações de sua experiência como professor e aluno na faculdade, suas atividades profissionais atuais.	434
19	59	Desempenhou cargos diplomáticos e outras atividades profissionais	Sua vida, suas atividades profissionais passadas e atuais, sua família.	289
20	73	Bibliotecário	Seu trabalho, sua vida profissional, biblioteca, sua família, igualdade feminina, recordações de Lima.	313

QUADRO 2
Caracterização das entrevistas – BA
Primeira geração

Mues- tra	Idade	Profissão	Tema ⁷	Dura- ção	Extensão (linhas)
I (En- cuesta 77)	29	Contador	Experiências universitárias e de trabalho, cinema, futebol, música, amigos, viagens.	36 min.	609
II (En- cuesta 78)	35	Advogado	O morador de Buenos Aires, profissão, música e viagens.	36 min.	395
III (En- cuesta 42)	32	Escrivão	O bairro, a vida em Buenos Aires, a moda.	34 min.	297

Segunda Geração

Mues- tra	Idade	Profissão	Tema	Duração	Ex- tensão (linhas)
VI (En- cuesta 122)	49	Médico	Sua profissão, a pesquisa em medicina de forma geral, como se investiga nesse campo.	32 min.	368
VII (En- cuesta 29)	39	Diretor/ Televisão	Seu trabalho na televisão, seu tempo livre, Buenos Aires.	30 min.	296
VIII (En- cuesta 47)	41	Contador público	Importação e exportação de gado.	40 min.	527
IX (En- cuesta 51)	42	Professor de dese- nho	Projetos de viagens, vocação, estudos, pintura, geração atual.	42 min.	266

⁷ O tema dessas entrevistas está indicado na publicação do projeto NURC da localidade.

Terceira Geração

Muestra	Idade	Profissão	Tema	Duração	Extensão (linhas)
XIII (Encuesta 33)	69	Engenheiro agrônomo	Suas viagens à França, recordações de sua vida de estudante e juventude, recordações da família.	40 min.	497
XIV (Encuesta 54)	62	Psiquiatra	Seu trabalho de psiquiatra, psicanálise, seus estudos atuais de filosofia.	35 min.	359

Foram coletados todos os demonstrativos na fala dos informantes em cada entrevista. Os demonstrativos na fala dos documentadores não foram coletados, por considerarmos que sua fala não seria espontânea, já que tinham consciência de que a interação visava a um estudo linguístico.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Caracterização geral dos dados: fóricos, truncados e fáticos

No *corpus* da nossa pesquisa foi encontrado o total de 1.478 dados, sendo 741 de LI e 737 de BA: trata-se de uma distribuição numericamente equivalente, apesar da diferença do número de informantes do sexo masculino disponíveis por *corpus* (13 para LI e 9 para BA). Embora o ideal fosse o mesmo número de informantes em cada caso, os informantes com o perfil que elegemos são apenas estes nas publicações consultadas.

Foram considerados como fóricos todos aqueles demonstrativos que desempenham função endofórica ou exofórica. No exemplo abaixo, o demonstrativo *este* está em função exofórica, pois diz respeito ao tempo da enunciação, e *eso* é endofórico, uma vez que remete a *oficina*, um elemento do próprio enunciado:

(01) **Inf.** Bueno, es una idea de oficina. En *este* momento no... no es nada *eso*, ¿no? Directamente no tengo ni un mueble... ni nada⁸. (BA - 19g/19h, itálicos nossos)

O uso do demonstrativo como fático é um uso específico, também conhecido em espanhol como *muletilla* ou ainda como *este de relleno*, segundo Kany (1994, 170). Ele aparece na forma do demonstrativo masculino de 1ª pessoa (*este*) e se caracteriza por sua função de organizador do discurso ou preenchedor de pausas. Segundo Colantoni (2000), é uma forma não prototípica de uso dos demonstrativos e funciona como um elemento que dá tempo ao falante para regular seu discurso. A autora identificou que esse uso é proveniente de um processo de gramaticalização que resultou no deslocamento da sílaba tônica e no alongamento da última sílaba. Veja-se a seguir um exemplo de fático no *corpus* analisado na presente pesquisa:

⁸ Para referência aos dados, usa-se a respectiva sigla, seguida do número da página em que aparece cada ocorrência de demonstrativo e de uma letra que representa a ordem em que os demonstrativos apareceram na página. Para evitar a transcrição de trechos muito longos, escolhemos colocar em alguns casos apenas uma parte da fala do entrevistado em que a expressão demonstrativa apareceu. Nessas situações foram colocadas reticências (...) no início da transcrição do trecho. Nos exemplos transcritos neste trabalho, as falas entre parênteses junto da fala do entrevistado são do documentador.

(02) **Inf. A** Está bien que es un poco excep... especial, pero que vive en Flores, tarda una hora para llegar a la escribanía se va a recorrer las galerías, después... *esté* se reúne en el Moderno o en la Comedia o en ¿eh? (BA - 64a, itálico nosso)

Também foram consideradas separadamente as ocorrências classificadas como truncadas. São esses os dados que fazem parte de discurso interrompido por algum motivo, como, por exemplo, mudança no rumo do discurso ou hesitação do falante.

(03) **Inf. A** Bueno, yo extendería la pregunta un poco, encarada a *ese...* a *ese...* sobre ese aspecto, ¿no? (BA - 63a/63b, itálicos nossos)

Roncarati (2003, 155-157) assinalou, em seu estudo sobre o português brasileiro, que o processamento linguístico-cognitivo tem efeito sobre o uso dos demonstrativos, ao sinalizar fenômenos que geram discontinuidades sintáticas e retardamento no fluxo discursivo. A pesquisadora constatou basicamente dois padrões: *busca lexical* (refletindo reativação ou resgate de referentes na memória episódica) ou *truncamento* (incluindo ruptura em sequências discursivas com abandono de constituintes sem conexão sintática e mecanismos de reparo com correções referenciais). Dada a dificuldade de separar com clareza esses dois tipos, optamos por reuni-los sob o rótulo de

truncados, como o fez Cambraia (2009, 25), focando assim na sua natureza de elemento sem conexão sintática, e não na causa dessa falta de conexão.

Apesar de tanto os demonstrativos fáticos como os truncados poderem se caracterizar pela hesitação e interrupção do fluxo de fala do locutor, diferenciá-los é relativamente fácil, uma vez que os fáticos têm uma forma definida. No caso do *corpus* de BA, a transcrição do demonstrativo fático foi feita com a acentuação na última sílaba (*estê*), o que facilitou sua identificação. Em LI não se fez essa diferenciação no momento da transcrição; porém, a relação entre o demonstrativo e o que lhe segue deixa dúvidas na interpretação⁹.

Houve alguns dados que foram excluídos por sua análise não ser viável¹⁰. É o caso, por exemplo, daqueles que se referem a um trecho da entrevista que, por ser ininteligível, não se encontra transcrito no *corpus*:

(04) **Enc.** [.....]

Inf. Bueno, no, estuve bastante alejado también de *eso*; es decir, yo siempre tuve así un poco de temporada. (BA - 24c, itálico nosso)

Abaixo apresentamos os dados distribuídos entre os três tipos de usos - fórico, truncado e fático - em cada *corpus* de forma geral:

⁹ Em LI houve um caso ED F1 masculina singular cuja classificação como fático ou truncamento não foi possível porque o discurso que seguia o demonstrativo foi interrompido. Dessa maneira, o dado não foi considerado na análise.

¹⁰ Foram considerados como não-analisáveis cinco dados em LI e nove dados em BA.

TABELA 1
Frequência por tipo - LI e BA

	Fórico	Truncado	Fático	Total
LI	610 (83,3%)	57 (7,8%)	65 (8,9%)	732 (100%)
BA	438 (60,2%)	35 (4,8%)	255 (35%)	728 (100%)

Através dessa quantificação, é possível constatar que o uso fórico é o mais frequente nos dois *corpora* e também que, entre os usos fático e truncado, em ambas as localidades, o fático se sobressai. Como os demonstrativos são elementos importantes de coesão textual, a sua menor frequência em BA, no entanto, sugere que, nesta variedade, se faça uso, de maneira especial, de outros recursos para expressar a referida função.

Um aspecto interessante é que o número de ocorrências de formas truncadas em LI é maior proporcionalmente do que em BA, chegando quase a se equivar ao número de fáticos naquele.

Outro aspecto que chama a atenção, porém, é a clara diferença entre LI e BA em relação ao uso dos fáticos: enquanto em LI temos apenas 65 ocorrências, correspondendo a 8,9% do *corpus*, em BA temos 255 ocorrências, o que equivale a 35% do *corpus*.

É pertinente comparar os resultados de fáticos para LI (8,9%) e BA (35%) com os de outras variedades. Reyes Benítez (1991, 557) registra 20% (779/4153) para o espanhol portoriquenho e 2% (107/5365) para o espanhol madrilenho. Soler Arechalde (2006) identificou que, dentre os casos de uso fático, 24% aparecem na fala culta e 76% na popular. Cambraia (2009,

29) verificou a frequência de 15% no espanhol mexicano (variedade culta). Vê-se, portanto, que a frequência de uso fático pode ser um critério para diferenciar variedades dialetais do espanhol.

Fóricos

Forma

Colocamos abaixo as tabelas com a quantificação dos dados coletados de acordo com a frequência de cada forma de demonstrativo seguidas das devidas análises¹¹. Para simplificar a referência às formas, adotamos a seguinte nomenclatura: F1 = *este* e flexões; F2 = *ese* e flexões; e F3 = *aquel* e flexões.

TABELA 2
Frequência por forma - LI e BA

Forma	F1	F2	F3	Total
LI	221 (36,2%)	367 (60,2%)	22 (3,6%)	610 (100%)
BA	75 (17,1%)	356 (81,3%)	7 (1,6%)	438 (100%)

Analisando os dados de cada *corpus*, é possível constatar que em LI a forma mais frequente é F2 e a hierarquia das formas é F2 > F1 > F3. Esse mesmo padrão é observado nos dados de BA; porém, chama a atenção a grande predominância de F2 em relação a F1, bem mais acentuada que em LI. Observamos ainda uma ocorrência levemente maior de F3 em LI em

¹¹ Cabe ressaltar que a forma *ello* não foi computada para análise dos dados. Foram encontradas 5 ocorrências dessa forma em LI e nenhuma ocorrência em BA.

relação a BA, apesar de, em ambas as localidades, essa forma ter uma baixa representação. A reduzida presença de F3 em nosso *corpus* é também observada em outros estudos semelhantes a respeito do EM (González Álvarez, 2006; Cambraia, 2009), bem como estudos sobre as diferentes variedades do espanhol latino-americano (Kany, 1994, 170).

González Álvarez (2006) encontra para a fala culta do EM, F2 (62,5%) como a forma mais frequente, seguida de F1 (30,6%) e, por sua vez, de F3 (6,9%). É possível constatar que os dados desse pesquisador para o EM se aproximam muito dos dados encontrados em nossa pesquisa, especialmente para LI. Cambraia (2009), também sobre o EM, relata a mesma hierarquia de formas (F2 > F1 > F3); porém, com relações diferentes entre elas, sendo que F2 corresponde a uma porção ainda maior das ocorrências do *corpus* (82%), seguido de F1 (17%) e de F3 (1%). Teríamos aqui uma grande semelhança com os números encontrados por nós em relação a BA. Uma hipótese para a diferença entre os resultados encontrados por González Álvarez (2006) e Cambraia (2009) é o número de dados com que trabalhou cada um: González Álvarez, com 1.876 dados, e Cambraia, com 136. Através da análise desses estudos e do nosso, é possível pensar que o tipo de *corpus* trabalhado por eles não favoreceria o uso de F3 pelos informantes ou ainda que essa forma seria realmente menos utilizada em relação às demais.

Para entender essa questão, são úteis os resultados encontrados por Stradioto (2012), que também trabalhou com o EM, mas com um *corpus* diferente. A pesquisadora utilizou um experimento em que o informante deveria apontar para objetos estrategicamente dispostos. Por meio desse experimento, ela privi-

legiou, assim, o aparecimento do uso exofórico dos demonstrativos, o que quase não ocorre em um *corpus* como o do projeto NURC, em que o uso é quase que exclusivamente endofórico. Os resultados da autora são também diferentes, chegando ela à hierarquia de $F2 > F3 > F1$, correspondendo F2 a 58,8% das ocorrências, F3 a 30% e F1 a 11,3% (Stradioto, 2012, 63).

Esses dados corroboram a hipótese previamente levantada por Jungbluth (1998) de que o tipo de *corpus* escolhido, por favorecer determinados tipos de usos dos demonstrativos, é determinante no que diz respeito às formas encontradas nele. A autora ressalta que a escolha do gênero discursivo determina o resultado obtido, o que ela constatou em um estudo que teve como *corpus* a literatura de cordel, no qual, contrariando pesquisas anteriores, foi constatada alta frequência de F1.

Geração e entrevista

Outro tipo de análise importante em relação à distribuição e ao uso dos fóricos é a sua ocorrência por geração para identificarmos processos de variação e mudança através do tempo aparente.

TABELA 3

Frequência de fóricos por forma e por geração - LI

Forma	F1	F2	F3	Total
G1	102 (41,1%)	144 (58%)	2 (0,9%)	248 (100%)
G2	82 (46,3%)	88 (49,7%)	7 (4%)	177 (100%)
G3	37 (20%)	135 (73%)	13 (7%)	185 (100%)

Para a primeira geração de LI, encontramos F2 como a forma levemente mais frequente, seguida de F1 e de F3, esta última com um número de ocorrências baixíssimo. O mesmo é observado na segunda geração, sendo a diferença entre F2 e F1 ainda menor. Já na terceira geração, apesar da hierarquia entre as formas ser a mesma, a diferença entre F2 e F1 é muito acentuada, sendo o uso de F1 relativamente baixo em relação às duas primeiras gerações.

Outro aspecto relevante extraído dos dados é o aumento no uso de F3 pela terceira geração. Sendo assim, F3 poderia estar passando por processo de mudança, tendo seu uso diminuído por gerações mais jovens. No entanto, essas diferenças podem também ser fruto de outras questões: no que diz respeito a F3 na terceira geração, o fato de esses informantes relatarem fatos ocorridos em um passado mais distante, poderia justificar o maior uso de F3.

TABELA 4

Frequência de fóricos por forma e por geração - BA

Forma	F1	F2	F3	Total
G1	36 (22,8%)	119 (75,3%)	3 (1,9%)	158 (100%)
G2	25 (13,4%)	159 (85%)	3 (1,6%)	187 (100%)
G3	14 (15%)	78 (83,9%)	1 (1,1%)	93 (100%)

Nos dados de BA, encontramos uma grande prevalência de F2 em todas as gerações. A diferença entre o número de ocorrências de F2 em relação a F1, a segunda forma mais frequente, é grande. O uso de F3 é extremamente baixo em todas as gerações. Dessa maneira, é possível concluir que, de forma

geral, há um padrão comum a todas as gerações.

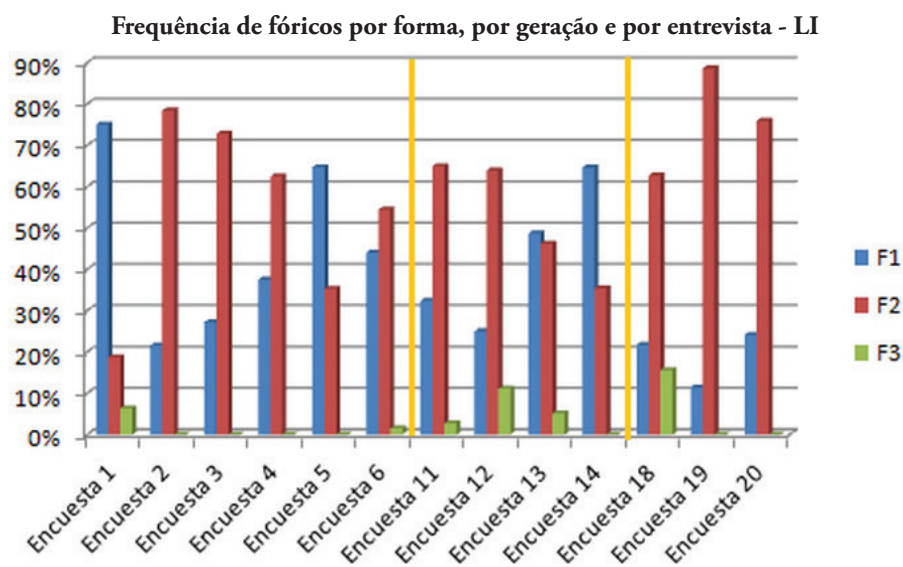
Apresentamos agora os dados relacionados às formas para cada entrevista. Isso se faz necessário para a identificação de informantes que apresentem alguma característica diferente da que é observada no conjunto ou mesmo algum dado muito particular ou extremo, o que poderia alterar o resultado geral, impedindo a identificação de um padrão comum à maioria das entrevistas ou ainda gerando um falso padrão.

TABELA 5

Frequência de fóricos por forma, por geração e por entrevista - LI

Geração	Entrevista	F1	F2	F3	Total
G1	Encuesta 1	12 (75%)	3 (18,7%)	1 (6,3%)	16 (100%)
	Encuesta 2	19 (21,6%)	69 (78,4%)	0 (0%)	88 (100%)
	Encuesta 3	3 (27,2%)	8 (72,8%)	0 (0%)	11 (100%)
	Encuesta 4	6 (37,5%)	10 (62,5%)	0 (0%)	16 (100%)
	Encuesta 5	33 (64,7%)	18 (35,3%)	0 (0%)	51 (100%)
	Encuesta 6	29 (44%)	36 (54,5%)	1 (1,5%)	66 (100%)
G2	Encuesta 11	12 (32,4%)	24 (64,9%)	1 (2,7%)	37 (100%)
	Encuesta 12	9 (25%)	23 (63,9%)	4 (11,1%)	36 (100%)
	Encuesta 13	19 (48,7%)	18 (46,2%)	2 (5,1%)	39 (100%)
	Encuesta 14	42 (64,6%)	23 (35,4%)	0 (0%)	65 (100%)
G3	Encuesta 18	18 (21,7%)	52 (62,7%)	13 (15,6%)	83 (100%)
	Encuesta 19	5 (11,4%)	39 (88,6%)	0 (0%)	44 (100%)
	Encuesta 20	14 (24,1%)	44 (75,9%)	0 (0%)	58 (100%)

GRÁFICO 1



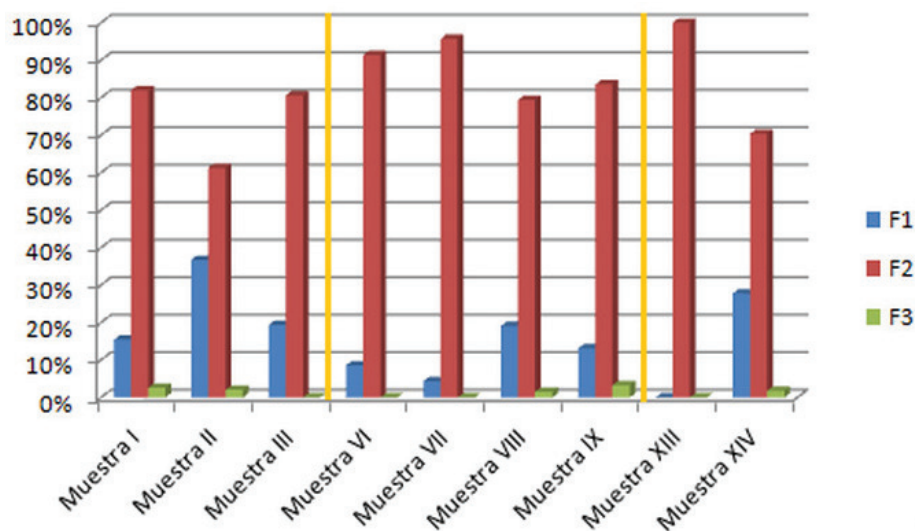
Na primeira geração de LI, observamos que a maioria das entrevistas segue o padrão encontrado para o conjunto: $F2 > F1 > F3$. No entanto, nas entrevistas 1 e 5, o número de F1 é consideravelmente maior. Na segunda geração, isso ocorre nas entrevistas 13 e 14, sendo que, na 13, F1 e F2 praticamente se equivalem, e na 14, F1 é maior que F2. Nas entrevistas da terceira geração, o padrão em relação a F1 e F2 é seguido em todas as entrevistas. Entretanto, no que diz respeito a F3, encontramos 13 ocorrências na entrevista 18, enquanto nas demais não há nenhuma. Nesse caso, podemos concluir que a frequência de F3 na terceira geração se deu por influência de apenas um informante e, por isso, não podemos considerar que falantes dessa geração fazem maior uso de F3 de forma geral.

TABELA 6

Frequência de fóricos por forma, por geração e por entrevista - BA

Geração	Entrevistas	F1	F2	F3	Total
G1	Muestra I	12 (15,4%)	64 (82%)	2 (2,6%)	78 (100%)
	Muestra II	18 (36,7%)	30 (61,3%)	1 (2%)	49 (100%)
	Muestra III	6 (19,4%)	25 (80,6%)	0 (0%)	31 (100%)
G2	Muestra VI	3 (8,6%)	32 (91,4%)	0(0%)	35 (100%)
	Muestra VII	1 (4,3%)	22 (95,7%)	0 (0%)	23 (100%)
	Muestra VIII	13 (19,1%)	54 (79,4%)	1 (1,5%)	68 (100%)
	Muestra IX	8 (13,1%)	51 (83,6%)	2 (3,3%)	61 (100%)
G3	Muestra XIII	0 (0%)	39 (100%)	0 (%)	39 (100%)
	Muestra XIV	14 (25,9%)	39 (72,2%)	1 (1,9%)	54 (100%)

GRÁFICO 2

Frequência de fóricos por forma, por geração e por entrevista¹² - BA¹² A linha vertical separa as três gerações.

Nas entrevistas de BA, todas, de forma geral, seguem o padrão identificado no conjunto de entrevistas. Em algumas, a diferença entre F2 e F1 é um pouco menor.

TRUNCADOS

Cambraia (2009, 25), retomando Roncarati (2003), lembra que os dados truncados ou de busca lexical são, de forma geral, resultado do processo de formulação da mensagem. Em nosso *corpus* os dados truncados se devem ao fato de o informante repetir o demonstrativo até se decidir sobre como continuaria seu discurso. Seguem abaixo dois exemplos desse tipo de uso: o primeiro é de LI e nele acontece a repetição do demonstrativo, sendo a primeira ocorrência considerada como truncamento; o segundo foi extraído de BA e nele observa-se que o falante, após uma hesitação, muda o rumo do discurso, deixando o pensamento do qual fazia parte o demonstrativo sem continuidade.

(05) **Inf.** Etoces todos habían ido con pareja, y como yo me escribí último, entonces me quedé sin pareja. Y me puse... donde caí y allí estuvo *esta*, esta chica, al lao... (LI, 94i, itálico nosso)

(06) **Inf.** Sin embargo --- hay que verlo, ¿no? Es decir--- es demasiado amplio y *eso* de... después uno se va a empezar a entusiasmar con el estudio. (BA - 17c, itálico nosso)

Apresentamos agora as frequências apuradas para truncados:

TABELA 7
Frequência de truncados por forma – LI e BA

Forma	F1	F2	F3	Total
LI	21 (36,8%)	36 (63,2%)	0 (0%)	57 (100%)
BA	8 (22,8%)	26 (74,2%)	1 (3%)	35 (100%)

Na tabela acima, observa-se que tanto em LI como BA as formas truncadas ocorrem com maior frequência em F2, provavelmente por F2 ser a forma mais frequente de forma geral.

Apresentaremos agora a frequência dos dados truncados por geração com o intuito de identificar diferenças:

TABELA 8
Frequência de truncados por geração – LI e BA

	G1	G2	G3	Total
LI	15 (26,3%)	8 (14%)	34 (59,7%)	57 (100%)
BA	14 (40%)	15 (42,8%)	6 (16,2%)	35 (100%)

Em LI a hierarquia é $G3 > G1 > G2$, destacando-se uma grande frequência de formas truncadas em G3, diminuindo nas outras gerações, apesar da frequência ser maior em G1 que em G2.

Em BA, temos a hierarquia $G2 > G1 > G3$, sendo G2 e G1 praticamente equivalentes e G3 com o número muito baixo.

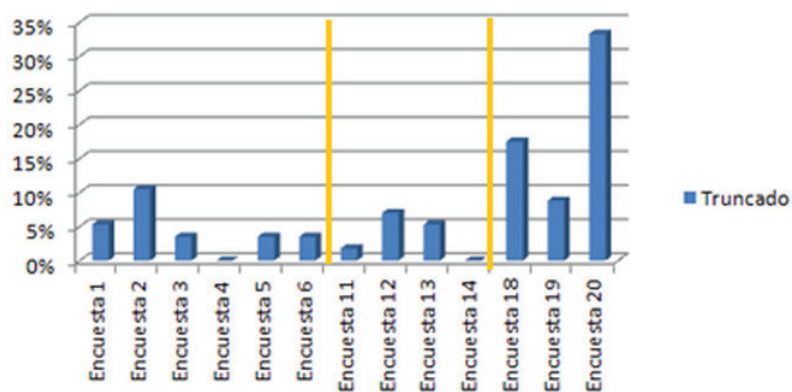
TABELA 9

Frequência de truncados por geração e por entrevista - LI

Geração	Entrevistas	Truncado
G1	Encuesta 1	3 (5,3%)
	Encuesta 2	6 (10,5%)
	Encuesta 3	2 (3,5%)
	Encuesta 4	0 (0%)
	Encuesta 5	2 (3,5%)
	Encuesta 6	2 (3,5%)
G2	Encuesta 11	1 (1,8%)
	Encuesta 12	4 (7%)
	Encuesta 13	3 (5,3%)
	Encuesta 14	0 (0%)
G3	Encuesta 18	10 (17,5%)
	Encuesta 19	5 (8,8%)
	Encuesta 20	19 (33,3%)

GRÁFICO 3

Frequência de truncados por geração e por entrevista - LI



Chama a atenção a grande frequência do uso truncado de demonstrativo pelo informante da entrevista 20. De forma geral, os falantes da G3 utilizaram mais as formas truncadas do que os falantes das demais gerações.

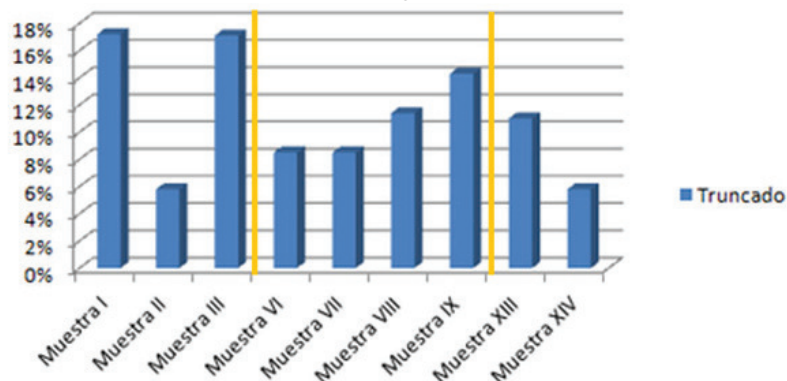
TABELA 10

Frequência de truncados por geração e por entrevista - BA

Geração	Entrevistas	Truncado
G1	Muestra I	6 (17,2%)
	Muestra II	2 (5,8%)
	Muestra III	6 (17,1%)
G2	Muestra VI	3 (8,5%)
	Muestra VII	3 (8,5%)
	Muestra VIII	4 (11,4%)
	Muestra IX	5 (14,3%)
G3	Muestra XIII	4 (11,%)
	Muestra XIV	2 (5,8%)

GRÁFICO 4

Frequência de truncados por geração e por entrevista - BA



Diferentemente de LI, em BA as formas truncadas não apresentam uma distribuição com padrões claros, apesar de se notar que os usos mais frequentes foram nas entrevistas I e III, pertencentes à G1.

FÁTICOS

O uso fático, como já mencionado anteriormente, se dá no espanhol por meio da 1ª pessoa de F1 (*este*). Cambraia (2009, 29) ressalta que é um uso bem diferente da repetição que se dá nos casos truncados, pois o fático aparece em um contexto linguístico em que não haveria espaço para o uso de um demonstrativo. O uso fático do demonstrativo é um caso de gramaticalização, como já assinalado por Colantoni (2000). Seguem abaixo dois exemplos desse tipo de uso, o primeiro de LI e o segundo de BA.

(07) **Inf.** E... recuerdo básicamente de mi casa, el barrio en torno a mi casa. E... algunos acontecimientos, y... y bueno, algunas *este*... algunos amigos dinfancia, si bien no tenía mayormente amigos e dominicanos. (LI - 85a, itálico nosso)

(08) **Inf.** Entonces me compré un departamento --- con idea de hacerlo oficina, por el centro, y *este*... bueno... cambié el auto también. (BA - 16i, itálico nosso)

TABELA 11
Frequência de fáticos por geração – LI e BA

	G1	G2	G3	Total
LI	55 (84,6%)	10 (15,4%)	0 (0%)	65 (100%)
BA	71 (27,8%)	177 (69,4%)	7 (2,8%)	255 (100%)

Em LI, temos $G1 > G2 > G3$, o que mostra um aumento do uso de demonstrativos em função fática, determinando uma mudança em tempo aparente. Em BA, temos $G2 > G1 > G3$.

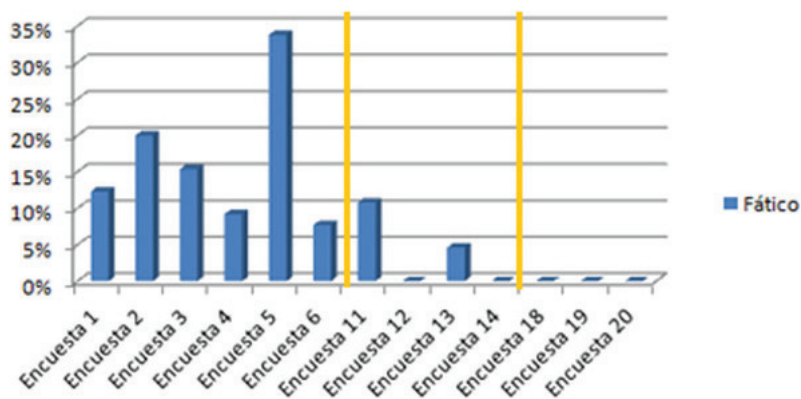
Abaixo, as tabelas e gráficos das ocorrências de fáticos por entrevista com o objetivo de identificar algum falante que faz um uso distinto dos fáticos podendo gerar resultados inconsistentes.

TABELA 12
Frequência de fáticos por entrevista - LI

Geração	Entrevistas	Fático
G1	Encuesta 1	8 (12,3%)
	Encuesta 2	13 (20%)
	Encuesta 3	1 (15,4%)
	Encuesta 4	6 (9,2%)
	Encuesta 5	22 (33,8%)
	Encuesta 6	5 (7,7%)
G2	Encuesta 11	7 (10,8%)
	Encuesta 12	0 (0%)
	Encuesta 13	3 (4,6%)
	Encuesta 14	0 (0%)
G3	Encuesta 18	0 (0%)
	Encuesta 19	0 (0%)
	Encuesta 20	0 (0%)

GRÁFICO 5

Frequência de fáticos por entrevista - LI

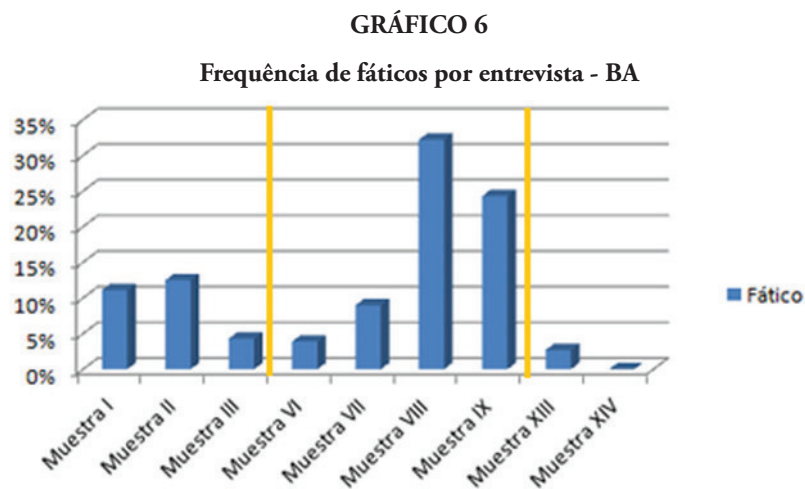


Nos dados acima, destaca-se o fato de a G1 fazer maior uso de fáticos do que as demais gerações.

TABELA 13

Frequência de fáticos por entrevista - BA

Geração	Entrevistas	Fático
G1	Muestra I	28 (11,1%)
	Muestra II	32 (12,5%)
	Muestra III	11 (4,3%)
G2	Muestra VI	10 (3,9%)
	Muestra VII	23 (9%)
	Muestra VIII	82 (32,2%)
	Muestra IX	62 (24,3%)
G3	Muestra XIII	7 (2,7%)
	Muestra XIV	0 (0%)



As entrevistas VIII e IX se destacam pelo alto número de fáticos. Além disso, o fato de que a G2 faz maior uso de fáticos do que as demais gerações é claro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo apresentar um estudo dos demonstrativos em uma perspectiva sociolinguística. Levando em conta a teoria da variação laboviana, aventamos a hipótese de que os padrões variáveis de uso de demonstrativos poderiam permitir uma diferenciação das distintas variedades do espanhol, como o de Lima e o de Buenos Aires.

Os dados analisados demonstraram algumas evidências favoráveis a essa hipótese:

(a) a distribuição entre fóricos, truncados e fáticos foi diferente entre essas variedades, sendo especialmente digna de nota a maior frequência de fáticos em BA (35%) frente a LI (8,9%);

(b) a prevalência de F2 em relação às demais formas (F1 e F3) como fórico é geral, mas é maior em BA (81,3%) do que em LI (60,2%);

(c) a distribuição em tempo aparente (diferença geracional) sugere padrão de mudança em progresso de uso fático em LI ($G1 > G2 > G3$), mas não em BA ($G2 > G1 > G3$).

No que se refere à prevalência de F2, no entanto, a distribuição em tempo aparente não sugere padrão de mudança em progresso em LI ($G3 > G1 > G2$) nem em BA ($G2 > G3 > G1$). A ausência de padrão claro de mudança em progresso em termos de expansão de F2 em LI e BA surpreende, uma vez que a tendência de prevalência de F2 no espanhol latino-americano já havia sido mencionada por Kany (1994, 170). Especificamente no EM, a prevalência de F2 constatada por Cambraia (2009, 11) foi confirmada como resultado de uma mudança constatada por Cambraia (2012, 34-35) em estudo diacrônico sobre o EM: a prevalência de F2 sobre F1 no EM teria ocorrido na transição entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX. Uma possível razão para a não detecção de mudança em progresso em termos de expansão de F2 em LI e BA poderia ser uma espécie de saturação, ou seja, a expansão de F2 teria alcançado seu limite: as funções que F2 poderia assumir já teriam sido assumidas, existindo um uso apenas residual de F3. Nesse caso, não haveria mudança em progresso porque ela já teria se completado.

Especialmente em relação às questões que envolvem tempo aparente, é importante relembrar as ponderações de Paiva e Duarte (2004, 179) anteriormente mencionadas de que os resultados precisam ser contrastados com dados do tempo real para avaliar melhor o significado dos padrões encontrados. Ainda que, no que se refere à distribuição de F2 por gerações, os resultados não tenham indicado claramente mudança em curso, continuam sendo relevantes para sua inclusão como critério diferenciador de variedades do espanhol da América Latina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barrenechea, Ana Maria. *El habla culta de la ciudad de Buenos Aires: materiales para su estudio*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Buenos Aires, 1987. 2 tomos.
- Brugmann, Karl. “Die Demonstrativpronomina der indogermanischen Sprachen: eine bedeutungsgeschichtliche Untersuchung”. In: *Abhandlungen der Sächsischen Gesellschaft der Wissenschaften*, 22, 1904, p. 1-50.
- Bühler, Karl. *Sprachtheorie: die Darstellungsfunktion der Sprache*. Stuttgart: G. Fischer, 1934.
- Cambraia, César Nardelli. “Demonstrativos na România Nova: português brasileiro x espanhol mexicano (dados de diálogos entre informante e documentador)”. In: *Caligrama*, 14, 2009, p. 7-34.
- _____. *Assimetrias românicas: sistemas de demonstrativos (português do Brasil x espanhol do México) [fase I]*. Belo Horizonte: Faculdade de

- Letras da UFMG, 2012. (Relatório final de pesquisa de Bolsa de Produtividade do CNPq, 2009-2012)
- Caravedo, Rocío. *El español de Lima: materiales para el estudio del habla culta*. Peru: Pontificia Universidad Católica del Peru Fondo Editorial, 1989.
- Colantoni, Laura. “Los demostrativos en el español de la Argentina: de los usos prototípicos a los gramaticalizados. El caso de “este” y “eso””. In: *Español Actual*, 74, 2000, p. 71-82.
- Diessel, Holger. *Demonstratives: form, function and grammaticalization*. Amsterdam: Benjamins, 1999.
- Dixon, Robert Malcolm Ward. “Demonstratives: a cross-linguistic typology”. In: *Studies in Language*, 27, 1, 2003, p. 61-112.
- Galembeck, Paulo de Tarso. Os pronomes demonstrativos no português culto (falado e escrito) de São Paulo e do Rio de Janeiro. In: *Signum: Estudos Linguísticos*, 15, 1, 2012, p. 151-167.
- González Álvarez, Enrique Alejandro del Sagrado Corazón de Jesús. *Usos de los demostrativos en las hablas culta y popular de la ciudad de México*. Dissertação de mestrado. Universidad Nacional Autónoma de México, Cidade do México: 2006.
- Himmelmann, Nikolaus P. “Demonstrative in narrative discourse: a taxonomy of universal uses”. In: FOX, Barbara. (ed.) *Studies in anaphora*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1996. p. 205-255.
- Jungbluth, Konstance. “O uso dos demonstrativos em textos semi-orais: o caso dos folhetos nordestinos do Brasil”. In: Grosse, Sybille; Zimmermann, Klaus. (eds.). “Substandard” e mudança no português do Brasil.

- Frankfurt: TFM, 1998. p. 329-355.
- Kany, Charles E. *Sintaxis hispanoamericana*. 2. reimpr. Madrid: Gredos, 1994.
- Labov, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.
- _____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Reprint. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1995.
- _____. “Building on empirical foundations”. In: Lehmann, Winfred. P.; Malkiel, Yakov. (eds.) *Perspectives on historical linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1982. p. 17-92.
- Mollica, Maria Cecília. “Fundamentação teórica: conceituação e delimitação”. In: Mollica, Maria Cecília; Braga, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- Paiva, Maria da Conceição de; Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. “Mudança linguística: observações no tempo real”. In: Mollica, Maria Cecília; Braga, Maria Luiza (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2004.
- Reyes Benítez, Iris Yolanda. “La deixis demostrativa en la lengua hablada de Madrid y de San Juan de Puerto Rico”. In: Hernández Alonso, C. et al. (eds.). *El español de América*. Salamanca: Junta de Castilla y León, 1991. V. 1, p. 551-559.
- Roncarati, Cláudia. “Os mostrativos na variedade carioca falada”. In: Paiva, Maria da Conceição; Duarte, Maria Eugênia Lamoglia. (org.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003. p. 139-157.
- Silva, Clarice Soares França. *Demonstrativos na România Nova: espanhol de*

Lima e espanhol de Buenos Aires. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras/UFMG, Belo Horizonte: 2013.

Soler Arechalde, Maria Ángeles. “El uso de este... en el habla de la Ciudad de México”. In: Espinoza, Alba Valencia (org.). *ACTAS DEL XIV CONGRESO INTERNACIONAL DE ALFAL* (Monterrey, 17-21 Octubre 2005). Santiago de Chile: ALFAL, 2006.

Stradioto, Sara. *Dêixis na România Nova: o lugar dos demonstrativos no português de Belo Horizonte e no espanhol da Cidade do México*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Letras/UFMG, Belo Horizonte: 2012.

Weinreich, Uriel; Labov, William; Herzog, Marvin. “Empirical foundations for a theory in language change”. In: Lehmann, Winfred P.; Malkiel, Yakov (eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968, pp. 95-188.

